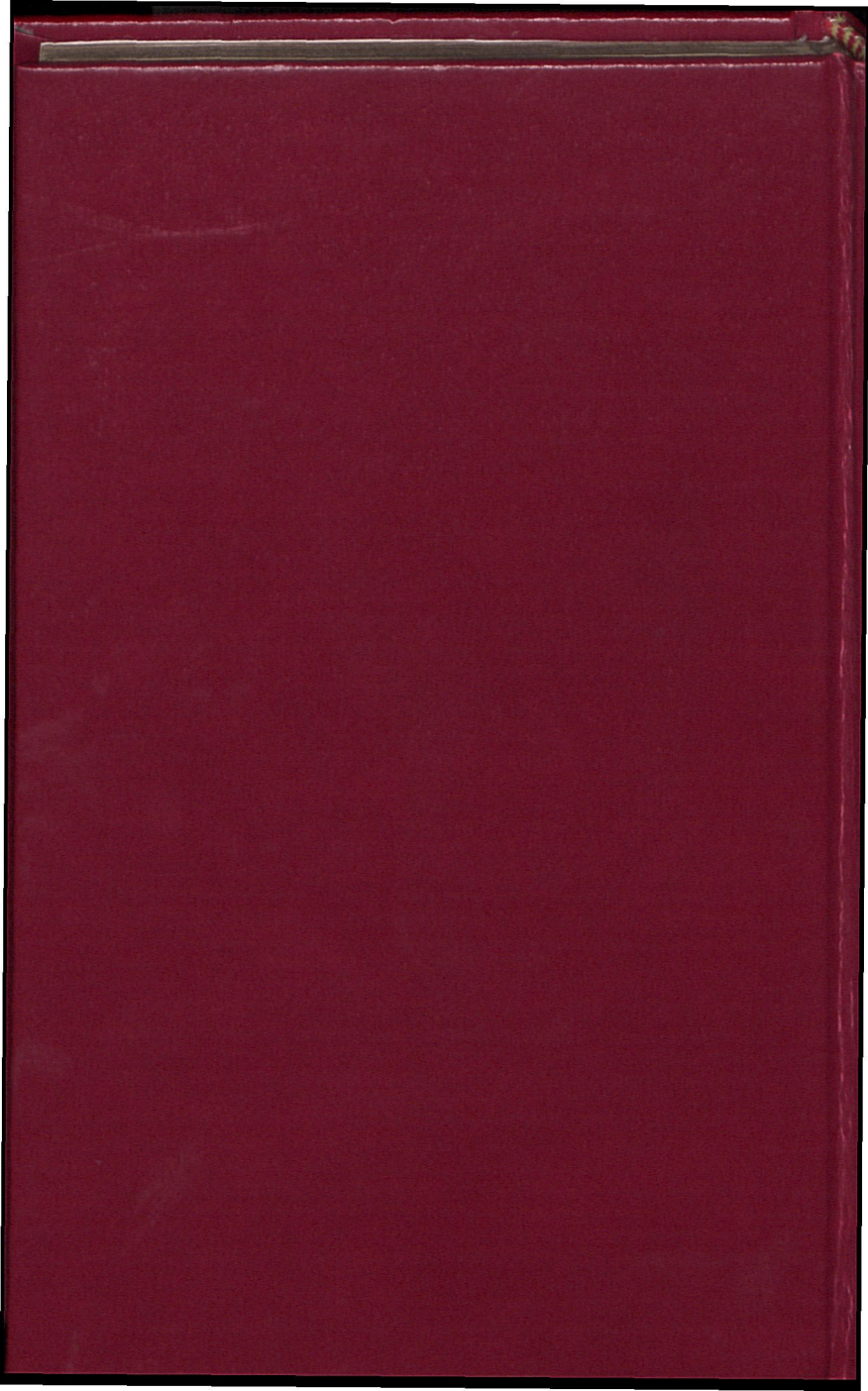




TEIXEIRA
DE
MASCONCELLA

VIAGENS
NA
TERRA
ALHEIA





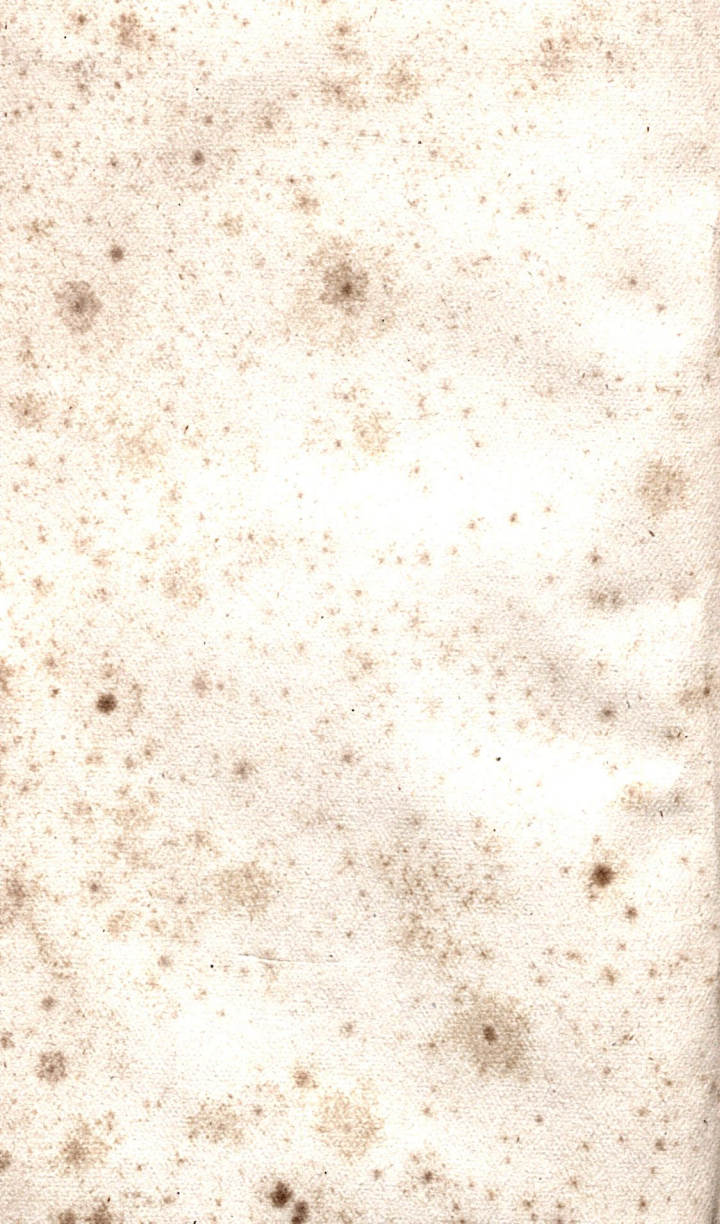
T. P. S. 107

182403

12021



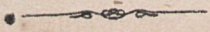




A-2701

139923
B670

VIAGENS NA TERRA ALHEIA



Por F. GONCALVES
LIVRO
BIBLIOTECA DO INSTITUTO
DE HISTORIA E GEOGRAFIA
1903

VIAGENS

TERREIRA ALMEIDA

VIAGENS DE VASCOGOMES

VIAGENS DE

VIAGENS NA TERRA ALMEIDA

VIAGENS DE

VIAGENS DE

VIAGENS DE VASCOGOMES

VIAGENS

NA

TERRA ALHEIA

POR

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS

NATURAL DO PORTO

de Paris a Madrid

EDITOR—F. GONÇALVES LOPES

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO FUTURO

RUA DA CRUZ DE PAU N.º 35

1863

VIAGENS

27

TERREIRA ALTHEIA

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELOS
JULIA DE LAMARE TEIXEIRA DE VASCONCELOS
ZATEVAL DO PORTO

de Paris a Lisboa

Editor—F. GONÇALVES LOPES

LISBOA

TIPOGRAPHIA DO TERNADO

RUA DA CHUZ DE PAZ

1863



A MINHA MULHER

D. JULIA DE LANDAUER TEIXEIRA DE VASCONCELLOS

Querida Julia — As minhas viagens aproximaram-me de ti, ou foram feitas na tua companhia, ou por tua causa. Offereço-te pois a narração dellas, e especialmente este volume em que figura o teu nome e o de pessoas do teu conhecimento.

Acceita-o como testemunho do inalteravel affecto que te consagro, e que tu mereces tanto.

Antonio Augusto.

Lisboa 6 de junho
de 1863

A MINHA MOTHER
EM TUBOCCA O
D. MEIA DE LINDALFER TEIXEIRA DE ASSOCIAÇÃO

Querida Julia — As minhas saudades aproximam-se
me de ti, ou foram feitas na tua companhia, ou por
tua causa. Offereço-te pois a narração dessas e es-
pecialmente este volume em que figura o teu nome
e o de pessoas do teu conhecimento.

Accetta-o como testemunho do inalteravel affecto
que te consagro, e que tu mereces tanto.

Lisboa, 6 de Junho
de 1863

INTRODUCCÃO

Constará de quatro ou cinco volumes a collecção das minhas *Viagens na Terra Alheia*. Este não é o primeiro na ordem chronologica, mas podia sel-o na publicação, porque nenhum dos volumes dependerá do antecedente ou prometterá completar-se no seguinte.

A primeira viagem para dominios estrangeiros foi de Portugal a Southampton e a Londres em 1854. Dahi passei a França depois de curta demora, e nesse mesmo anno vim a Madrid, onde residi quatro mezes, regressando no fim delles a Paris em vez de recolher a Portugal, como tencionára.

Em 1855 fui pela primeira vez a Stuttgart assistir ao casamento de um cavalheiro, da côrte impe-

rial de França, e voltando a Paris tornei a partir para as margens do Rheno, e para Baden-Baden. Ainda fiz outra viagem de Paris a Francforte, e pelo Rheno abaixo até Colonia, de Colonia ao Hanover, e do Hanover a Hamburgo e a Berlim, donde vim directamente para Paris.

Voltei dentro em breve a Allemanha, e nessa occasião visitei Ulm, Augsburgo, Nuremberg e Munich, demorando-me bastantes dias nestas cidades e na capital do Wurtemberg. Foi das mais apraziveis digressões que fiz.

Em 1856 fui a Inglaterra, e sendo obrigado a permanecer em Londres durante quatro mezes, aproveitei o ensejo para fazer uma rapida visita a Liverpool. Regressei de Londres para França, e fui residir dois annos em Auteuil com a minha familia, a qual uma vez acompanhei a Strasburgo onde meus sogros vieram esperar-nos.

Em 1858 deixei Auteuil, e vim residir na rua de Moscou donde parti para Portugal em 1860, em 1861 para Madrid, e em 1862 por Saint Nazaire para Lisboa. Pertence a este periodo a viagem de que trata este livro, outra a Strasburgo, um passeio a Mantès e varias excursões aos arredores de Paris, além das que realisára anteriormente para visitar Melun, Fontainebleau, Versailles, Chantilly, e diversas quintas de proprietarios francezes com quem travára relações de amizade.

É tambem desta época a viagem de Madrid a Ali-

eante, de Alicante a Barcellona por mar, e da Catalunha a Perpignan, a Cette, a Marselha, e por Lyon para Paris.

Este volume estava prompto para a impressão por ter sido já publicado no *Commercio do Porto* e no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro. Por isso consenti na sua immediata publicação.

Não creio que os leitores me levem a mal esta inversão chronologica. Acredito que nenhum terá especial empenho em me acompanhar passo a passo por esse mundo de Christo, e que muito mais lhes hade importar a viagem do que o viajante. Só imagina o contrario quem de si presume o que eu nunca pude presumir da minha modesta pessoa.

Dos taes se diz que tomára a gente ser o que elles cuidam que são. Não desejo que se diga de mim outrotanto, e se me faltassem incentivos de modestia, encontral-os-hia diariamente nos jornaes do governo, que a cada instante me declaram muito mais parvo do que eu proprio cuido que sou.

Por isso lhes não quero mal. São os advogados do diabo na canonisação politica que cada um anda sollicitando para si. Continuem que é o seu officio.

II

É adversa ao iberismo, como o entendem alguns hespanhoes, a doutrina deste livro. Sempre escrevi assim, porque sempre assim pensei. Se alguém cui-

dou outra cousa, enganou-se, e pôde convencer-se lendo os livros que correm com o meu nome, e os artigos que a tal respeito escrevi nos jornaes portuguezes, francezes (*Courrier du Dimanche*) e inglezes (*Morning Chronicle*).

Ninguem mais do que eu preza e respeita a nação hespanhola. Poucos terão ali mais sinceros amigos. Em fins de 1859 escrevi no meu livro francez ácerca de Portugal o seguinte:

«Desde que se estabeleceu, consolidou, e reconheceu a autonomia de Portugal, a Hespanha ficou sendo a alliada natural dos portuguezes. A idéa de fechar a península aos perigos da influencia estrangeira, foi o pensamento favorito dos homens de estado dos dois paizes, principalmente no fim do seculo decimo quinto.

«Enfraquece diariamente a antipathia entre portuguezes e hespanhoes. Ha-de desaparecer de todo com os caminhos de ferro, e com o telegrapho electrico. Não estará longe o tempo em que as duas nações da península hespanhola, sem terem de perder a sua autonomia, formarão um unico povo, grande em numero, em civilisação, e na unidade dos interesses. Então hade a opinião publica obrigar os dois governos, a formarem um *Zollverein* peninsular, e a arranjamem-se amigavelmente como irmãos e visinhos. O portuguez não é castelhano, nem aragonez, nem asturiano, nem catalão, mas é tão hespanhol como são italianos, e se lisongeiam de

o ser, os piemontezes, os napolitanos e os lombardos. Reunir os dois estados da península hespanhola sob o sceptro de um unico soberano, foi sempre sonho occasional, ora acceito pelos reis, ora festejado pelos povos, mas aproximar hespanhoes e portuguezes em alliança intima, e sob as maiores condições de liberdade e independencia reciprocas, é uma idéa realisavel, de grande porvir, e digna dos esforços das duas nações.

«Nós acreditamos que na situação actual da Europa a Hespanha é a nossa alliada natural, sem embargo dos precedentes. As nações devem ter como os individuos o valor de os esquecer.»

Em maio de 1860 escrevi no mesmo sentido no *Courrier du Dimanche* em resposta ao meu excellente amigo e collega, o sr. Elias Regnault. Ahi observava que Portugal era independente desde o seculo XII, que esta qualidade se não creára nem se mantivera sem causas, e que os dois povos pagariam cara a leviandade com que se esquecessem destas circumstancias. Acrescentava ainda:

«Os portuguezes amam os hespanhoes, estimam-os como primogenitos da sua raça; respeitam-lhes as qualidades elevadas, e as virtudes nobilissimas, e admiram com enthusiasmo as façanhas guerreiras d'aquelle povo, mas primeiro que tudo desejam conservar a sua independencia. Muito quer a seus pais o filho que se casou, mas trata logo de ter economia separada.»

«Tambem os hespanhoes são affeiçãoados aos portuguezes, e acolhem-os em Hespanha com a cortez e franca hospitalidade castelhana, que não encontrou ainda fóra da península hespanhola outra que se lhe assimelhasse, mas em Hespanha nunca se lembraram de unir os dois paizes senão por ambição ou por despeito politico, duas paixões que são fracos alicerces para fundar uma grande nação.

«Não colloco a minha patria acima da Hespanha. Pelo contrario sustento que em differentes occasiões os hespanhoes se mostraram mais adiantados do que os portuguezes. Folgo de confessar que a alliança intima com a Hespanha é o unico meio de impedir a restauração de outras influencias mais para temer, porém não vou mais longe. Em politica, primeiro que tudo convém ser homem pratico... O amor proprio e a felicidade de nós todos consistem na conservação das qualidades de portuguez e livre.»

Em julho de 1860 estando em Lisboa publiquei um pequeno opusculo no qual se lêem as seguintes palavras :

«Eu tenho muita affeição aos hespanhoes. É uma grande nação. Quero-os para visinhos, para irmãos, para amigos, para alliados, para confrades no trabalho da civilisação, para tudo emfim, menos para darem cabo do que tanto nos custou a estabelecer e firmar.»

Escreveria hoje como escrevi n'essas tres occasiões differentes, quer dizer com igual affecto e

respeito aos hespanhoses, e com egual amor da nossa independencia.

Nem eu faltei a estes meus principios, quando escrevi a obra que se vae lêr, e mais andava n'esse tempo a imprensa de Madrid accesa no santo zelo da cruzada iberica. Era de vêr como surgiam amiudados, e a qual melhor, os alvitres para nos forçar mui docemente a vontade.

Um queria que se reformassem as pautas em Hespanha de modo que viessem a acudir lá as mercadorias, e não houvesse no Porto ou em Lisboa um naviosito para desenfasiar as aguas do Douro e do Tejo.

Outro recommendava que se fizessem as vias ferreas para Cadix e para Vigo, e nunca para a fronteira de Portugal, com o que viria a nascer excelente musgo por entre as pedras de todos os caes dos portos desta terra.

Não faltava quem convidasse os portuguezes a invadirem a Hespanha, e quem nos aconselhasse a adoptar a dynastia hespanhola! Etudo isto impresso em Madrid sem colera do fiscal da imprensa!

Confesso que não me agradou tanto amor, supposto que desde logo me pareceu que o governo hespanhol, apesar de não combater estas velhas aspirações nacionaes, tinha maior conhecimento do caso, e mais ajuizada prudencia do que os seus impacientes amigos. Ao sentimento que me suscitaram aquelles planos ibericos se deve attribuir alguma



expressão mais justiceira. Hoje passou esse fervor, e os dois povos buscam na aproximação reciproca os verdadeiros principios ibericos que são a alliança leal de quantos vivem para cá dos Pyreneus sem quebra de nenhum direito, nem constrangimento de qualquer vontade.

III

N'este volume ha viagem e romance, como acontecerá em todos os outros. Não me desculpo de viajar mal, ou de ter urdido menos acertadamente a historia da condessinha de Relta. No processo da apreciação de um livro, em que o publico é juiz, as provas estão escriptas, e as orações dos advogados, além de importunas, são inuteis.

Mas sempre quero dizer duas palavras ácerca do romance, e de outros que fiz, e de quantos vier a publicar.

Tem acontecido julgarem algumas pessoas que os personagens dessas historias não são inteiramente de pura invenção, e o mais é que já alguns amigos meus vieram mui seriamente perguntar-me quem era Simão da Lapa do *Prato de Arroz Doce*, e Henrique de Mello ou Alvaro de Araujo da *Ermida de Castremino*! É engraçadissimo.

Nestes negocios o caso é simples. Quem não vê nos meus romances retrato que reproduza a sua phisionomia, tire dahi o sentido, e deixe aos outros o

cuidado de examinarem o que lhes pôde tocar. Se porém alguma pessoa entender que lhe ajustam os defeitos de qualquer dos caracteres dos meus romances, accuse-se de os ter, peça a Deus perdão, e emende-se delles. Não lhe vejo outro remedio. Quem condemnava os que saíam nos Autos de fé, não eram os fabricantes de carochas e sambenitos, mas quem lh'os punha na cabeça e no corpo. Eu não tenho culpa de que os caracteres sejam tão naturaes e exactos, que logo appareça sujeito que se confesse retratado nelles.

É tão pequena a nossa terra, e tão atreita a suspeitas maldosas, que é raro o romance em que o leitor não julgue reconhecer em algum dos personagens menos favorecidos qualquer pessoa do seu conhecimento. Já me aconteceu attribuirem-me o designio de personalisar em um romance certo individuo que nunca vi, e que nunca talvez pensasse em mim. Deram-me noticia do boato, e para logo alleguei que as circumstancias do personagem do meu livro, e as do tal individuo eram inteiramente oppostas, e que apenas se pareciam em se não assemelharem em cousa alguma. A isto replicou um amigo meu, que principalmente nisso estava a finura do disfarce. Fiquei preso por não ter cão, como teria ficado se o tivesse.

Contra isto não ha defesa possivel.

Na historia do cazamento da condessinha de Relta, ha alguns factos verdadeiros, quasi todos os perso-

nagens vivem ainda, sem exceptuar a Peralta, mas o leitor que os quizer descobrir, emprehenderá uma difficil tarefa, e é provavel que muitas vezes se illuda na propria hora em que julgou ter acertado.

Basta de introdução. Nem eu tinha mais para dizer.

Lisboa 7 de junho de 1863.

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

Viagens na terra alheia

Prefacio em que entra Dumas, Gautier, De la Vigne, o autor, o leitor, Deus, o povo e varias outras pessoas...

Bayonna de França, 2 de março de 1862.

Alexandre Dumas, o celebre romancista collaborador de Maquet, e não menos insigne amigo de Garibaldi, escreveu uma obra intitulada—*De Paris á Cadix*—, quando foi assistir ao casamento do duque de Montpensier, e receber mais uma das innumeraveis condecorações que enfeitam a casaca do magnifico fundador da dynastia—Dumas.

Theophilo Gautier, tambem fundador da dynastia—Gautier,—e autor do romance—*Mademoiselle Maupin*—, que nenhuma rapariga deve ler, compoz um livro que se chama—*Tra los Montes*—, no qual, além das bellezas de estylo, que são inseparaveis dos escriptos de Gautier, se encontram descrições

muito exactas, apreciações justas e observações artisticas de grande merecimento e verdade.

Germond de la Vigne preparou para a livraria Hachette um guia do viajante em Hespanha e Portugal, que se imprimiu no anno passado, e que o autor pretende ser exactissimo no que diz respeito aos dominios da sr.^a D. Isabel II. Bom é que seja assim, porque a parte em que se trata de Portugal está cheia de erros, e, apesar de se abonar no prefacio com o meu humilde nome, eu posso asseverar que não me cabe a menor responsabilidade do que se contém no tal guia. O mais é, que nem o proprio Germond de la Vigne pôz mão n'essa parte do livro, que foi toda escripta por um tal sr. Charamel, que d'isso ha-de dar contas a Deus no outro mundo.

Pois todos estes senhores andaram por essas Hespanhas, e escreveram o que viram, e o que não viram, mas não fecharam a porta, nem levaram a chave na algibeira. A estrada de Paris a Madrid com todo o seu desconforto de diligencias e malas-postas, de más comidas e pessimas camas, de lama pela direita e poeira pela esquerda, ficou franca e patente a todos os viajantes de officio, de dever e de curiosidade.

Aproveitando, pois, esta liberdade entre as muitas de que este seculo nos traz mimosos, irei pondo por escripto quanto vi e passei na viagem de Paris a Madrid, que o mais santo dever me obrigou a in-

tentar no começo do mez que vai hoje no seu segundo dia.

Não tive tempo para visitar monumentos curiosos, nem para fazer indagações importantes, e de algumas d'estas, que ao principiar a viagem quizprehender, me sahi tão mal, que perdi a vontade de continuar. Livros, aliás faceis de obter, não os quiz trazer comigo porque me incommodavam, e tambem porque me lembrou que, se eu viajasse pelos livros, d'elles seria a viagem, e não minha. Até o proprio guia de Mr. de la Vigne, que eu puzera de parte para metter na algibeira do paletot, me esqueceu sobre a mesa do meu quarto. Tanto melhor. Antes quero doudejar pela minha cabeça do que pelas dos outros, embora sejam muito superiores á minha.

Não se admirem, pois, os leitores de eu passar pelas cousas mais notaveis de França, e de Hespanha como gato por brazas.

Serei como os cães do Nilo,
Que correm e vão bebendo,

já que assim o quiz a velocidade do caminho de ferro que me trouxe aqui, e que assim o ha de tambem exigir amanhã a rapidez mal distribuida das diligencias hespanholas, que correm á desfilada diante das cousas de maior estimação, como cão por vinha vindimada, e ficam defronte de uma reles pousada uma hora para acolher um passageiro,

e para mudar os tiros das mulas ou dos cavallos.

Desses inconvenientes não tenho eu culpa. O meu grande peccado é escrever esta viagem, depois de a terem já posto em lettra redonda prosadores de grande pôlpa, e deitar-me a esta empresa sem os elementos necessarios para me mostrar erudito e sabedor, e para instruir os leitores ou adormecel-os á força de noticias historicas, geographicas, archeologicas e artisticas, como é do uso entre os próceres da republica litteraria.

Este peccado grande ou pequeno, venial ou mortal, aqui o confesso com grande candura. O leitor ha de absolver-me d'elle, se lhe agradar a minha narração singela, e, se lhe causar somno, sempre me ficará na obrigação de lhe ministrar este soporifero sem gasto de botica, nem de medico.

Se o peccado de escrever mal e apressadamente levasse ao inferno, e se os crimes de tentar empresa litteraria superior ás proprias forças se expiassem na forca, quantos litteratos estariam ardendo nas penas eternas e quantos outros teriam abençoado o povo com os calcanhares, segundo a feliz expressão de Le Sage ou do seu talentoso traductor.

Deus é grande e misericordioso, e o publico não o é menos, agora que tirou aos reis o cargo de representantes de Deus sobre a terra, trocando o direito divino dos soberanos em direito divino dos povos, e transformando cada cidadão em molecula ambulante da realleza e soberania!